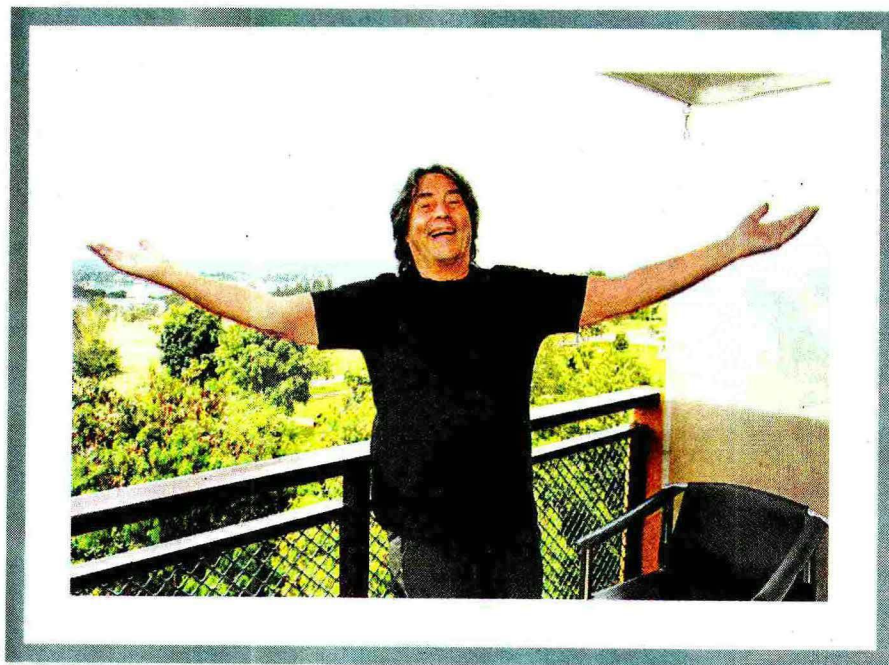


HUGO RODAS

CAIXINHA DE FÓSFORO

Botei o único terno que tinha, quer dizer um casaco e uma calça jeans que, por obra do acaso, tinham combinado, peguei o resto das roupas, as cartas, o *I'ching*, os poucos e inseparáveis livros com os quais viajava. Nessa época, tínhamos aprendido a ter pouco para perder menos. Olhei para Maria Célia, uma vez mais a gente se encontrava nessa situação. Juntos, tínhamos ido para o Chile. Juntos, voltamos. Juntos, viemos ao Brasil. Trabalhamos. Juntos, tínhamos nos despedido de Graciela e do Uruguai. Agora aqui, na Bahia de Todos os Santos, uma vez mais nos despedimos. Como raio, um convite trocava o rumo das coisas. Meu amigo, Clyde Morgan, tinha sido convidado para dar um curso em Brasília e, por compromissos inusitados, não poderia ir. Perguntou-me se não queria conhecer a "nova capital". Sorri. Um raio, um beijo, um olhar de quem sabia que não seriam só por quinze dias. Um avião, uma janela pela qual buscava ansiosamente uma resposta e, de repente, no meio do vermelho, surgem aquelas caixinhas de fósforos que pareciam o cemitério de minha cidade natal, separadas

pelo Eixo Monumental com aquela imponência que jamais tinha visto em qualquer fotografia anterior. Fiquei apaixonado. Achei que era Krypton e pronto: um novo super-homem nascia em mim. Logo vieram o céu, a lua, o verde, os amigos, o trabalho, o primeiro grupo, o Pitu, com o qual nos embriagamos pelo país inteiro. O curioso é que, no começo, não tínhamos nome e, justamente, quando fomos convidados à oficina de dança da Bahia, com *Saltimbancos* e o *Trabalho número dois*, nos disseram: "Gente assim não dá, tem que ter um nome. Então, apontando para uma garrafa, no meio da mesa, falei: "Põe Pitu, a cachaça mais barata do Brasil." Rimos, brindamos e partimos nessa nova história. As coisas começavam a ocupar os espaços certos, a loucura tinha encontrado o seu eixo, a menina de quinze anos tinha aberto seu mágico manto de estrelas no meu coração. Brasília, te amo por seus morcegos, suas corujas, suas cigarras, sua ausência de esquinas, te amo por sentir-se mãe. Te amo porque é a terra onde a minha digital ficou impressa. Obrigado por nos ter. Hugo.



O uruguaio Hugo Rodas chegou a Brasília em 1975 e trouxe novo conceito de artes cênicas. Introduziu a importância do movimento na formação do intérprete. Revolucionou a cena brasiliense nos anos 1970 e formou grupo Pitu, que viveu em comunidade e saiu em itinerância clamando por liberdade de expressão. Ao fim da década de 1980, entrou no corpo docente da Universidade de Brasília (UnB) e, até hoje, forma gerações de intérpretes. Diretor obstinado, é responsável por espetáculos históricos na cidade. O olho da fechadura, Arlequim, o servidor de dois patrões e Os demônios são algumas de suas montagens mais marcantes.